

VIDA MUNDIAL

26 DE JULHO DE 1944
PREÇO AVULSO 1\$80

ILUSTRADA



Satanela
VAI REAPARECER!
(LER NOTICIA NA PÁG. 3)

FOTO
SILVA
NOGUEIRA

6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE...
(VER AS CONDIÇÕES DO NOSSO CONCURSO NA PÁG. 3)

O FOGO!

EM POUCOS MINUTOS DESTROE
A RIQUEZA ECONOMIZADA
EM VARIAS GERAÇÕES



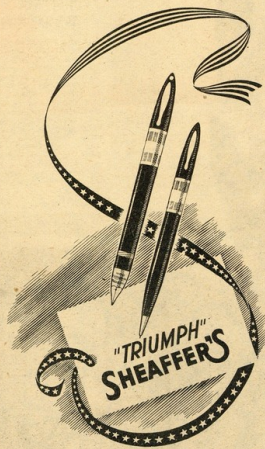
CONTRA ESTA
CALAMIDADE
ASSEGURE OS
SEUS HAVERES
NUMA SÓLIDA
COMPANHIA

CONSULTE A

PORTUGAL PREVIDENTE

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
CAPITAL E RESERVAS 17 MIL CANTOS

Sede: R. DO ALECRIM, 10 - LISBOA - Telef.: 24040
Delegações: PORTO - COIMBRA - BRAGA - FARO



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L.^{da}
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1° - LISBOA - TEL: 26297



Cana Imperial



ao café



um copice



Se ao café nada a iguala no seu precioso aroma e paladar, só, ou com água gazificada, antes, ou após os refeições, e um excelente digestivo, incomparável sucedâneo de Whiteley e, no verão um ótimo refrigerante, especialmente quando beneficiado pelo frio. É ainda um produto de mais alta categoria, pois hoje ser servido quasi ao preço das brandes vulgares. Mas se não satisfizer à Velha ou a "Extra-Velha", peça a "Grande-Reserva" e terá fruído a produto mais delicado que jamais se lhe deparou. Pedir uma CANA IMPERIAL, e dar uma nota do mais requisitado distinguo.

Distribuidores Aquem-Mooledo

J. SALLES CALDEIRA' L. DA

RUA ALVES CORREIA, 100 - LISBOA - Telefona 1 8733

A CAMISARIA CHIC XANEL



nos tecidos mais
finos, confec-
cionados por
medida

VISITEM A

CASA

Xanel

A. V. CONDE VALBOM, 84 - LISBOA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL
EDITORIA, LIMITADA"

PRIMEIRA COLUMNA
A cidade dos óculos escuros

Por ANÍBAL NAZARE

DECIDIDAMENTE, foi epidemia de óculos de sol que atacou a bela gente de Lisboa. Para quaisquer laços que nos voltemos, o panorama é desolador: vemos nos entre pessoas de óculos pretos, como se nos encontrássemos num estranho e pitoresco Carnaval.

Podem dizer-me o leitor viajado que, lá por fora, se vêem inúmeras pessoas com os famigerados óculos pretos. E é verdade. Mas, no estrangeiro, usamo-nos a maioria das pessoas como defesa contra os raios de sol, em pleno dia, e as vestidas mais afamadas do cinema como camuflagem, a toda a hora. Em Lisboa usamo-nos dia e noite alegres costureirinhas, cuja popularidade não deve ser a causa do disfarce...

Falando claro: em Lisboa passou a ser moda andar de óculos escuros. E como de Lisboa partem muitas modas, que, importadas do estrangeiro e levadas pelo alfiteira até ao exagero, depois conquistam a província, não nos custa a crer que, daqui a pouco, os salões que vêm de madrugada, com as carroças, trazer hortaliça à Praça da Figueira, ostentem elegantes óculos pretos, e que qualquer dia as lavadeiras, em Caneças ou Fanhões, os usem durante o lavar da roupa, à beira-rio...

Em todo o caso, quando a moda alastrar e todos andarmos na rua dia e noite com os termos de nos gular por de óculos pretos, a ponto de, para nos outros sinais particulares, há que fazer um extenso muro, a circundar todo o país e afixar nele a tableta preventiva: «Clínica Oftalmológica. Lotação para sete milões de doentes».

Ou então — o que seria melhor — combatemos a moda (evidentemente que apenas no que diz respeito ao exagero e não à defesa contra o sol ardente...) a fim de evitar que, algum dia, os estrangeiros que nos visitem possam dizer, no regresso a seus países, que, entre nós, ninguém vê um palmo adiante do nariz...

PORTUGAL



O «Prémio Viana da Mota»

Maria Manuela de Araújo ganhou o Prémio Viana da Mota no Concurso de Piano há dias realizado na Emissora Nacional. Trata-se duma artista jovem mas cheia de qualidades, e a qual deve estar reservado, no nosso meio artístico, um excepcional futuro.

CANADÁ



As cinco gémeas Dionne fizeram onze anos

Aqui têm as cinco gémeas do Canadá — Ivone, Maria, Emília, Anette e Cecilia — apresentando os seus primeiros vestidos compridos. Um encanto, não acham? No dia em que fizeram onze anos, Louve, lá em casa, grande festa, e pela primeira vez estiveram de pé até depois da meia-noite. Este ano, as cinco gémeas não tiveram os costumes presentes:

brinquedos, Bieicletas (três para as cinco, que a hora é economia...), álbum, discos, set livros de stollatta, etc. Não sabemos se como as cinco, pequenas conseguiram ir todos passear só em três bicicletas... Ou irá o papá Oliva Dionne receber o caso com senhas alguma?

FRANÇA



Malraux foi descoberto pelo cinema

André Malraux, o grande escritor da Condição Humana, foi descoberto pelo Cinema. Terminaram, agora, em França, as filmagens de Espoir, uma grande produção sobre a guerra civil espanhola. É lá está marcado para cinema de estreia de Espoir, o Max Linder, de Paris.

POLÓNIA



Uma linda sineleira

Esta encantadora sineleira foi posta pelos russos a regular o trânsito em Lublin. Com um grupo de sineleiras assim em Lisboa, acabavam-se questões entre chauffeurs e sineleiros...

ESTADOS UNIDOS



O «Ford» de 1946

Este é o mais novo dos Fords — o primeiro modelo dos novos carros que vão correr mundo. O motor ocupa mais espaço que o dos modelos anteriores, e apresenta, como era a esperar, algumas inovações no radiador, nas molias, no eixo — tudo resultante dos progressos mecânicos conseguidos durante a guerra, e que são a prova de que o mundo não parou...

Mas apesar destes primeiros modelos de 1946 aparecerem à venda ainda este ano, os compradores não devem ter esperanças de conseguir algum antes do ano que vem...

PORTUGAL



Luísa Satanela vai reaparecer e publicar as suas memórias

Luísa Satanela, portuguesa pelo coração, que foi menininha de Lisboa e que Lisboa não esqueceu, vai reaparecer. Esta notícia, de per si, já seria sensacional. E o público vai acorrer a solidão, a mostrar-lhe que não é tão ingrato como, por vezes, o querem fazer. Mas há outra notícia, de não menos interesse: Luísa vai publicar as suas memórias. Vamos ter a Luísa escritora? Não disse. Mas faliasse muito na colaboração dum escritor e crítico muito conhecido — digamos: falso — no nome de Eduardo Sarril. Fala-se...



Há escritores que preferem olhar o mundo através de uma varracha da sua casa. Dali tentam ver longe, auscultar multidões, estudar costumes. Ferreira de Castro é dos que preferem encontrar no seu clima próprio as figuras que reproduzem nos seus livros. Assim é que mais uma vez deixou o Chiado, agora para se familiarizar com os pináculos da Serra da Estréla, onde a sua apurada sensibilidade vai ver de perto como vivem os pastores e como eles sentem a vida — ambiente certo do seu próximo livro.



Entre a colónia francesa de Lisboa, a Festa Nacional da França — o 14 de Julho, foi, este ano, festejada com viva vibração e entusiasmo. Tratava-se da primeira Festa Nacional depois da libertação do seu país, e a Bastilha foi um símbolo, à rodela do qual não podia ser maior nem mais devotado o patriotismo dos franceses. Na foto vê-se o ministro De Sault erguendo a sua taça pelo general De Gaulle — imagem da nova França.

SEIS

RAPARIGAS
ENGRAÇADAS
PRECISAM-SE

PARA O NOVO FILME PORTUGUÊS

“MATINÉE ÀS QUATRO”



O notável artista Raúl de Carvalho, que interpretará o papel de «empresário» no filme «Matinée às quatro».

ESTÁ, como prevíamos, alcançando enorme êxito o Concurso de «Vida Mundial Ilustrada» para a descoberta de seis raparigas engraçadas, a quem serão oferecidos contratos para a nova produção de **Atlante Filmes**, «Matinée às 4».

Trata-se, como dissemos, dum filme musical que será dirigido por Santos Mendes, com argumento, diálogos e versos do nosso camarada de redacção Aníbal Nazaré, canções de Raúl Ferrão e João Nobre e música de fundo de Fernando de Carvalho.

As concorrentes deverão entregar devidamente preenchido, na redacção de «Vida Mundial Ilustrada», o «coupon» que publicamos, e, juntamente, uma foto de formato postal ou aproximado. Informamos ainda que, devido à natureza dos seis papéis, as concorrentes deverão ter, ou aparentar, entre catorze e vinte e um anos.

No final do Concurso, o júri escolherá as seis concorrentes e as fotos das restantes serão devolvidas.

Estamos recebendo, diariamente, muitas fotografias, o que demonstra que as nossas leitoras a quem interessa fazer Cinema vão aproveitar esta oportunidade que lhes é oferecida por «Vida Mundial Ilustrada» em colaboração com **Atlante-Filmes**.

Damos, a seguir, o «coupon» que nos deve ser devolvido juntamente com a foto.

(O «COUPON» DE INSCRIÇÃO VEM NA PÁG. 16)



Lou Costello, o companheiro de Bud Abbott nas farsas loucas de que são protagonistas, é, em casa, o mollio dos chefes de família. Pai de duas encantadoras meninas, que se parecem com ele, como duas gotas de água, encontra no remanso do tar aquelas alegrias que proporciona aos outros, por intermédio dos filmes onde intervém. Sua mulher nunca se interessou pelo cinema. E entre todas as películas, preferiu as de Abbott e de Costello, por causa do marido, que é um sensaborão dentro de casa...

NOTADA SEMANA

VSITAMOS, há dias, os estúdios da Companhia Portuguesa de Filmes e colmos agrícolas e lisonjeiras impressões. As mais antigas oficinas cinematográficas do nosso país, desde o advento do sonoro, acusam o impulso de um esforço renovador, criteriosamente orientado, em realização feliz a todos os títulos.

O velho estúdio cinzento, com o seu ar de casa assombrada, parece ter remocido, no aspecto exterior. Quando o vimos, no dia em que se deu a primeira volta de manivela de «Ladrão, precisa-se», com dezenas de automóveis alinhados nas ruas ensabradas, tivemos a sensação de que não era o mesmo. Mas, ao contrário do que seria de reer, a renovação não se operou apenas na fachada. Construíram-se novas dependências, modificaram-se sistemas e instalações com vista a melhor eficiência técnica, ergueram-se armazéns, alcantaram-se as dependências destinadas aos artistas — tudo foi transformado, retocado e alindado, no maior impulso renovador que a Tobis registou, desde a sua fundação até os nossos dias.

Estas linhas ficariam necessariamente incompletas se não dissessemos que ao dr. Rodrigues Pinto, administrador-delegado da Companhia Portuguesa de Filmes, se devem os extensos melhoramentos verificados. Com prudente visão das realidades, sem se deixar embalar por quimeras e miragens este trabalho surge como o corolário de uma linha de conduta, que tem nos resultados à vista a sua melhor consagração.

DOGMENTÁRIOS FRANCESES



— Vocês já viram que lindas pernas eu tenho?

Mary Jane French, quando tirou esta foto, foi com o propósito evidente de pôr tal interrogação ao leitor. E, assim, inventou a saia folhada de boladora de ópera, vestiu as meias do sfranch-cancano, pôs na cabeça uma touca de enfermeiro—e se prouto, senhor fotógrafo, pode tirar o retrato!

os aplausos das multidões—que contagiam a sala—nos cenários maravilhosos das cidades libertadas, cujas janelas se abriam orgulhosas para desfilar bandeiras, adormecidas agora, diante desse mesmo mundo, a extensão sacórdia.

Mas a França não se limita a falar-nos do heroísmo dos seus soldados, ainda que esse anseio se afigure, legítimo, perante um mundo que, julgando-se pelas apréheções, chegou a descer, por vezes, das glórias e virtudes que a ilustraram. Pois, além disso, a França que agora diante desse mesmo mundo, a extensão do sofrimento, do sacrifício, do estoicismo de que prova—o píreo porque paga o seu calendário e redenção. «Balanço de Quatro Anos»—tantos foram os que viveu sob a cruz suástica—é um documento simultaneamente pungente e corajoso. Campo de batalha assediado pelos alemães, a França tornou-se militar para os aliados. Fábricas, pontes, linhas de comunicação, tudo o vento da guerra levou de roldão. Na madrugada de 6 de Junho de 1943, a maior invasão que a História registra, começou nas praias de Normandia. E a estrada da vitória, que foi desembocar no coração da Alemanha, não ficou atropetada de ruínas, mas de ruínas novas e silenciosas.

A França ganhou uma batalha—mas tem outra batalha diante de si, que vencerá com a mesma coragem e decisão—a do seu ressurgimento económico.

Foram estas as lições de uma hora de filmes franceses na tela do Condes. Simples documentários, sem uma imagem que não fosse tomada da própria realidade. Só o cinema, com o seu poder de comunicação, podia ter a audácia de descrever com tão emotiva clareza o estado de espírito do povo no momento que passava a reconhecer o destino que restituiram a nação ao seu destino e a serena determinação de se erguer sobre as cinzas do passado.

FERNANDO FRAGOSO

AS BODAS DE OURO DO SACRILIZ

! São Luiz festejou, no início da presente temporada, as suas bodas de ouro. Como devem estar lembrados, a cerimónia coincidiu com a inauguração do Salão de Festas, onde o sr. dr. Augusto de Castro proferiu um cristalino discurso, cujas figuras de António Ramos e do Visconde de São Luiz de Braga e a época brilhante em que viveram.

Cinquenta anos dum grande teatro constituem, na verdade, um acontecimento. E assim o entendeu a imprensa que, pela pena de alguns dos melhores nomes das Artes e das Letras, se associou às festivas comemorações da elegante casa de espectáculos, com crónicas e artigos cheios de interesse.

João Ortigo Ramos, com o fim de que se não perdessem valiosos subsídios para a história do Teatro, com a nacionalidade dignas discursos de um livro de ouro, retiluiu-nos numa luxuosa «plaquete», valorizada por graciosos desenhos de Maria Kell, plenos de encanto e de sabor. Edição fora do mercado, por isso mesmo mais louvável e mais digna desta referência.

O São Luiz é, na realidade, uma casa de espectáculos rica de tradições. Teatro onde cinema há mais de dezassete anos, mantém, através dos tempos, um nível de Arte e de Cultura um sêlo de elegância, res e distinção que não está apenas nas alturas e nos veludos, nos lustres e nos doirados, ofuscados pela «patine» do tempo. Nasceu assim, porque foi obra de dois empresários de raça: António Ramos e São Luiz de Braga

(Continua na página 16)

JOAO ORTIGO RAMOS

QUANDO A BATA BRANCA QUE TERMINA POR UMA CEIA, COMEÇA COM O 'LUNCH'

! S convidados contam-se por muitas dezenas. E há personalidades ilustres, normalmente afastadas do ambiente dos estúdios. O sr. dr. José Duarte de Figueiredo representa o sr. ministro da Educação Nacional, Silva Favares desde dum automóvel com dois convidados de honra: o dr. Pedro Calmon e o poeta Olegário Mariano, membros da Embaixada para listas, gente do mundo do cinema e aquelas dezenas de pessoas que acorrem ao estúdio ansiosas por penetrar nos seus mistérios e nos seus segredos. E meninas —lúras e morenas— ainda um pouco intimidadas com a luz dos «nightlights». São as cletias do Concurso da «Eva», as trinta e tal vencedoras— a nata de mais de oitocentas raparigas portuguesas que se apresentaram a disputar a «chance» de um pequenito papel.

As salas e corredores da Companhia Portuguesa de Filmes registifitam. Artistas, técnicos e figurantes andam numa dobradeira. Leonor Maia, a Tattò, encara com visível alergia a perspectiva do seu trabalho:

— É a mesma aluzada da fita?

— Não! Sou a estrela, a pateta...

— Está contente com o papel?

—Porque não?... Agrada-me! Virgílio Teixeira aproxima-se. É o galã do filme. Ele e Virgílio Navarro, um estrangeiro, que vemos no meio da assistência, ainda não se conhecem. Há quem estranhe as responsabilidades de êmulos lusitano do Clark Gable.

Passa, por nós, rapidamente, um homem de bata branca. Teria bastado acidentário. Trancullitamos nos depressa. E Jorge Brum do Canto. A bata branca quer apenas dizer: comemuram as filmagens. Afinal, uma «operação» como outra qualquer. Há quem estranhe a indumentária... Pela nossa parte, preferiríamos a tradicional «farda» do realizador: calção à «goff», «caterpillar» e Souto e Santos, operários de cinema. Por outro: Regina Fróis, dos serviços de «montagem».

E deixamos a bata branca para trás. E o Gena Bonotto, com o seu ar de colegial em férias, aparece, simultaneamente, nos locais mais opostos. Foi ela quem desenhou os figurinos. Lacten Donnat mostra a pessoas proeminentes, o imponente «décor», onde se vai filmar, construído segundo uma «maquette» de sua

autoria. Seguimo-lo a distância. Na realidade, é «hall», com uma escada que lembra a do «Gene via the wind» —é o «décor» mais impressionante até hoje construído em Portugal. Admirável de imponente, proporções e de bom gosto. Dir-se-á: «bom de mais», certos aspectos. Mas isso é outra coisa.

As filmagens vão começar. São dezoito horas, sábado. Estas primeiras voltas de manivela reventam sempre de certo simbolismo. O filme começou, na realidade, na segunda-feira seguinte. De artistas detest a gente. Meia de «preço», com o seguinte: «braxe —«Araga O 27», «Acidente o 35», «Luiz», «A Cão», «Motor», «Clasquette» —o plano lá se fez.

Olegário Mariano, primeiro travetei, calaras de satã, em louvor do português, língua única de dois gê de países irmãos. E serve-se um «lunch», pretexto p que se expressem os votos de felicidade pelo êxito trabalho iniciado.

«Ladrão, precisa-se...» começou por um «lunch» O filme acaba por uma «cena». Não se pode dizer desta vez não houvesse coerência entre o princípio o fim.

CALÇADA DA GLÓRIA

EM QUE IDADE É QUE OS HOMENS SÃO MAIS APETITOSOS?

O QUE DIZEM AS MULHERES



A poetisa D. Maria Adelaide Leal, que faz versos com a mesma leveza e a mesma frescura com que todas as manhãs dispõe flores nas jarras da sua casa risonha e acolhedora, confessou-nos que precisa de 24 horas para pensar. Não se responde de ânimo leve a uma interrogação destas, concordamos. Vinte e quatro horas depois chego-nos a resposta:

— Os homens principiam a ser apetitosos aos 30 e conservam-se apetitosos até aos 46...

E acrescentou:

— Falo em teoria, porque na prática nem sempre é assim!



Dulce de Oliveira — que nome tão dulce — inicia agora a sua carreira de artista profissional. Não lhe faltam qualidades — nem de espirito, nem de graciosidade. Travámos-lhe o passo quando ela se dirigia para o Teatro Avenida.

— Se amas, obedece, que é, como quem diz: se queres viver responde...

E Dulce respondeu:

— A idade em que os homens são mais apetitosos na idade de Apolo!

E isso mesmo. Mas que idade terá Apolo?



Manuela de Azevedo começou na literatura por um livro de versos, «Claridade», e deu-nos agora um romance com este título, ao mesmo tempo celestial e diabólico: «Um anjo quasi demónio». Quando lhe desfechamos o emot-d'ordres deste inquérito, a nós próprios pergunta-nos quem nos iria responder — se a poetisa, se a romancista. Pois respondeu-nos a filósofa.

— Aos 3 anos é quando os homens são mais apetitosos. Dizem muitas ingenuidades e as maldades que fazem são mais sofisticadas do que aquelas que praticam os homens crescidos...



Em casa de Madalena Soto. A simpática artista, uma das mais lindas veias do nosso teatro declamado, está decorando o seu novo lar, à praça da Alegria — da Alegria como não podia deixar de ser. A nossa pergunta, estremece. Depois cheira um frasquinho de sais, serena os nervos e dá-nos a sua opinião:

— Julgo que é entre os 38 e os 45 que os homens são mais apetitosos. Antes dos 38 só com azeite e vinagre; depois dos 45 só com mostarda...



— Jura dizer a verdade?

— Juro dizer a verdade!

Este jurgo dizer a verdade foi afirmado com tanta convicção por Maria de Figueiredo, autora dum suggestivo livro recente que tem tal qual este título, que nem por um momento duvidámos da verdade que envolvia a sua resposta.

— Em que idade é que os homens são mais apetitosos?

Logo Maria de Figueiredo, querendo mentir adarvelmente:

— Aos seis meses!



A dr.^a Branca Rumina está, de bata branca, irrepresentável no seu consultório.

— Que o traz por cá? — pergunta-nos mal entrámos.

— Consultá-la...

— Então de que se queira?

— De muitas coisas... Mas venho consultá-la sobre outro assunto...

— Em que idade, senhora doutora, é que os homens são mais apetitosos?

Branca Rumina ficou-nos através dos óculos e sentença:

— Como a questão tem aspectos múltiplos, o melhor é ir a uma Policlínica...



Ligamos a telefone para o Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

— A sr.^a D. Julieta Ferrão está?

— Sou eu mesma.

Declinamos a nossa identidade e seguidamente dissemos-lhe por que lhe telefonávamos.

— Mas isso é grave! — respondeu-nos. — Isso é muito grave!

Necessito pelo menos de três meses para estudar a questão...

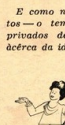
N UM dos últimos números desta «Calçada» (mais ingremos do que muitos supõem) permitimo-nos lançar aos homens esta pergunta:

— Em que idade é que as mulheres são mais apetecíveis?

Na impossibilidade, por falta de espaço, de ouvirmos todos os homens que vivem à superfície da Terra, desfechámos esta pergunta apenas a meia dúzia deles. Não era tudo — mas já era alguma coisa. Esse inquérito exigiria, em todo o caso, a contrapartida, sob pena de ficar para a posteridade só uma das faces da medalha. E por isso lançamos agora, desta vez às mulheres, a pergunta correlativa:

— Em que idade é que os homens são mais apetitosos?

Não deparámos igualmente todas as mulheres do mundo, mas a meia dúzia que depõe oferecerá uma síntese do que diriam as outras.



E como não podíamos esperar sendo três minutos — o tempo da chamada telefónica — ficámos privados de saber o que esta Julieta pensava acerca da idade mais apetitosa para se ser Romeu.

Maria Sidónio, quando a inquirimos, faz-se pálida:

— Nunca ninguém me perguntou uma coisa tão séria!

— Para si não há dificuldade...

Esta frase pareceu animá-la.

— Bem, já que é forçoso, dir-lhe-ei...

Rapamos do «block-notes»:

— Dir-lhe-ei que na minha opinião a melhor idade para um homem... é sempre a idade do homem de quem gostamos!

Excusado será escrever que Maria Sidónio ficou distinta.



Maria Archer, tão conhecida no Chiado pelos seus livros e pelos seus chapéus, hesita na resposta. Pede uns instantes de reflexão, concentra-se neste problema psicológico e, entre séria e sorridente, acaba por nos dizer:

— A idade em que os homens são mais apetitosos é, quanto a mim, a que oscila entre os 28 e os 30 anos...

— Porquê?

— Porque é a idade em que os homens já não sabem a bebês e ainda não cheiram a velhos...



«Mademoiselle X» está sentada num amplexo da sua sala côr-de-rosa, fuma um cigarro e tem sobre o regaço a última novidade literária: «Mademoiselle X» não é bonita: é pior do que bonita. Quando a inquirimos, respondeu-nos:

— Não sei. A sua pergunta é muito séria. Não lhe posso responder sem pôr «rouge»... Assim, se corar, não se dá por isso...

Pôs mais «rouge» — e continuou:

— Não é fácil responder à sua pergunta ou, por outra, é mais correto o risco de ser censurada pelas mulheres que não concordassem com a minha opinião, e eu não quero estar de mal com nenhuma mulher...

— Mas para dizer isso não era necessário pôr «rouge»! Essa resposta não faz corar ninguém!

— Pois sim! — e ri-se — é que você não sabe o que eu estou a pensar...

HOJE EM ORA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

GENERAL NOGUES

A luz das revelações feitas posteriormente, o caso Darlan, que tanto ceimou a França por toda a parte e tão graves consequências provocou na política interna da França, na condução da guerra por parte dos Aliados e nas relações franco-americanas desenvolveu-se com uma lógica perfeita.

O almirante, que era o comandante-chefe das forças militares francesas embarcadas pela letra do armistício e, ao mesmo tempo, era o herdeiro designado do marechal Pétain, encontrava-se casualmente no Norte de África onde fora em visita a um filho. E natural que, dado o conhecimento perfeito que tinha da marcha dos acontecimentos e das fraquezas que, já nessa altura, estavam a revelar-se na máquina militar alemã, começasse a duvidar da vitória do Reich na guerra em que este se envolvia. Mas, embora desconfiando de que os ingleses e americanos planeavam uma acção de envergadura, não estava ao corrente dos preparativos para o desembarque no Norte de África.

O general Giraud que, desde a primeira hora, fora pôsto ao corrente da natureza e da extensão desses preparativos, e que se encontrava em cumprimento na tentativa de desembarque, não dispunha, porém, na altura em que este se realizou, do número de elementos de confiança para garantir o êxito rápido da tentativa. Nascia, caso a rapidez com que a acção se desenvolveu constituía um factor essencial do seu êxito. Qualquer demora, como se demonstrou com os acontecimentos que se produziram na Tunísia, poderia ser fatal.

Para evitar a efusão de sangue e prevenir o possível malogro do desembarque anglo-americano, foi Giraud que acconçou o comandante-chefe das forças desembarcadas, general Dwight Eisenhower, a negociar com Darlan sobre a melhor maneira em que este último se encontrava investido. O comandante-chefe consultou, igualmente, o seu conselheiro político, Robert Murphy, que lhe deu a mesma opinião. Foi essa a origem das negociações que proporcionaram a Darlan uma oportunidade para tentar rehabilitar a sua atitude anterior, surgindo como um colaborador valioso dos Aliados depois de ter sido um valioso colaborador dos alemães.

AS NEGOCIAÇÕES PARA A CESSAÇÃO DAS HOSTILIDADES DO NORTE DE AFRICA

As negociações para a cessação das hostilidades no Norte de África prolongaram-se entre Darlan, cujos dados os seus poderes estavam em condições de dar essa ordem em

nome do marechal Pétain e de ser obedecido, pois as guarnições e os elementos militares que alimentavam a resistência francesa poderiam dizer que tinham simplesmente obedecido a indicações dimanadas dum poder legal, e o comando americano prolongar-se entre os dias 9 e 11 de Novembro. Os americanos cediam a Darlan uma ordem que fizesse terminar rapidamente com as operações terrestres. O almirante exigia dos americanos garantias, não apenas de ordem pessoal, dado o ambiente que se criara entre uma parte da população que lhe era nitidamente hostil, mas de ordem política, pois estava longe de considerar terminada a sua carreira. Darlan pretendia que lhe garantissem a sua segurança pessoal e que, ao mesmo tempo, lhe entregassem, com o acordo do governo de Washington, o poder no Norte de África. Esta segunda condição não foi, naturalmente, aceite sem discussões prolongadas e sem uma certa reticência por parte dos Aliados que calculavam a extensão das complicações a que ela daria fatalmente origem e que efectivamente se produziram.

As negociações concluíram-se, no dia 11, por um acordo em que ambas as partes viram satisfeitos os seus desejos. Darlan deu ordens para cessar fogo, as quais foram prontas e completamente obedecidas e, em contrapartida, os Aliados confiaram-lhe o comando das forças e o governo no Norte de África. Mas os seus actos foram sempre praticados em nome do governo de Vichy, do qual era um delegado qualificado. A posição de Pétain e de Laval, então chefe do governo, tornou-se crítica e os alemães não deixaram de exigir, da parte deles, um esclarecimento da situação que lhes permitisse calcular de que lado estavam, efectivamente, os seus cúmplices e os seus inimigos claros ou disfarçados.

AS RELAÇÕES ENTRE DARLAN E O GOVERNO DE VICHY

Durante as negociações com os americanos, o almirante Darlan falou e agiu sempre como se o seu acção com o governo de Vichy fosse completo. Essa atitude permitiu supor que o próprio marechal Pétain tinha um conhecimento perfeito do que se fazia e que também ele estava em cumprimento na preparação do desembarque. A publicação do relato oficial

dos acontecimentos que estavam a desenrolar-se no Norte de África, feita em Vichy, não permitiu alimentarem-se mais dúvidas quanto à falta de fundamento dessa suposição.

Segundo esse relato, o governo de Vichy teve, pela primeira vez, conhecimento do que se passava na manhã de 9 de Novembro. Uma informação oficial chegada àquela cidade revelava que alguns elementos, em Argel e Rabat, perante o desembarque americano, haviam tentado organizar uma sublevação para se apoderarem dos edifícios públicos nas duas cidades. A tarde chegaram a Vichy novas informações dando conta de que a tentativa de sublevação se estendera a Oran e que, em vários outros pontos de Marrocos, a situação se tornara extremamente séria.

Foi nessa altura que em Vichy se recebeu o telegrama de Darlan em que este anunciava a rendição de Argel e a entrada dos americanos na cidade. Sobre a situação pessoal do almirante, nada se sabia nessa altura em Vichy. Mas era ali ponto assente que ele continuava a ser fiel à política do marechal e do seu governo.

Durante a manhã do dia 9 não chegaram a Vichy quaisquer novas informações sobre a marcha dos acontecimentos. Não se sabia o que estava a passar-se em Oran e Casablanca. Na Argélia a situação apresentava-se cada vez mais confusa. Só à tarde foi recebido um novo telegrama de Darlan em que este propunha a aplicação de medidas severas para pôr termo às tentativas de sublevação que, entretanto, não deixavam de se multiplicar por toda a parte. Darlan propunha, mais que fosse castigado um certo número de generais e oficiais franceses de alta patente que tinham recusado obedecer às suas ordens. Parecia, portanto, que o almirante considerava ainda possível a resistência contra o desembarque numa altura em que já estava envolvido nas negociações com os americanos, as quais não tardariam a concluir-se.

GOLGAT D. MURPHY

O ALMIRANTE DARLAN PREFERE OS AMERICANOS A VICHY

Durante a noite de 9 de Novembro foi recebido um novo telegrama do almirante, dirigido ao governo de Vichy. Nesse telegrama falava ele, pela primeira vez, da possibilidade e encerrava a necessidade de entabular negociações com os americanos, dada a evolução dos acontecimentos. Esta informação não deixou naturalmente, dados os antecedentes de Darlan, de lançar certa perturbação entre os elementos afectos à política de colaboração. Se o almirante começava a negociar, é porque ele desconfiava da vitória do Reich, e essa desconfiança constituía, para eles, um sintoma pouco tranquilizador.

Por outro lado, as informações que chegavam a Vichy, enviadas pelo general Nogues, Residente geral da França em Marrocos, davam o almirante como prisioneiro dos americanos. Durante algum tempo, entre a noite de 9 e o dia 11 não foram recebidas quaisquer novas informações de Darlan que permitissem ao governo de Vichy fazer uma ideia clara sobre o que estava a passar-se. Foi esse, como vimos, precisamente o período durante o qual se desenrolaram as negociações com os americanos em Argel.

No dia 12 de Novembro veio, finalmente, um novo telegrama do almirante, no qual este anunciava que recuperara a liberdade e assumira o comando e o governo no Norte de África, enquanto prosseguia as negociações com o comando americano. Essas negociações, como vimos, estavam já nessa altura terminadas, salvo na parte que dizia respeito à situação pessoal e aos poderes que os americanos estavam dispostos a conceder a Darlan. Mas, nessa altura, já Darlan havia tomado decididamente partido pelos americanos que representavam a força e seriam os triunfadores da dia seguinte.

(Continua)



ARGEL, VISTA DO MAR

FÉDORA Ervânia deixou cair as peles que lhe cobriam os alvos ombros e sentou-se no «maple». Passou a longa mão, de dedos muito finos, pela testa, uma daquelas mãos que sabem fazer cantar, chorar, delirar um violino, e, com o violino, uma multidão.

— Estou muito cansada — disse. Muito cansada e muito feliz ao mesmo tempo! Querem crer que tinha medo do contacto com o público, um medo que procurei perder durante três anos?

Em volta dela, o director da Ópera, um crítico e uma amiga.

Fedora voltou-se para esta última: — Não envelheci muito, pois não, Germana?

E a outra sorriu afectuosamente. — Não. A tua técnica é mais perfeita, mas não envelheceu. Só noto uma coisa.

— O quê?
— Por que tiraste do teu repertório aquela «Serenata de Amors», que era uma espécie de indicativo dos teus concertos? Nunca pegavas no arco sem começar por ela. Era tão deliciosamente fresca, tão simples!

Fedora suspirou, acendeu um cigarro no isqueiro de ouro que lhe estenderam, lançou uma baforada para o teto e explicou:
— Nunca mais tocarei essa serenata...

— Nunca mais? Porquê?
A artista hesitou.

— Há um motivo forte, um motivo, ou antes, uma história... Já lá vão três anos...

E Féedora Ervânia, após um novo suspiro, continuou:

— Desde que cheguei a Chicago, onde devia dar o meu primeiro recital, a vida turbulenta e louca apoderou-se de mim. Mil lugares mundanos onde era preciso ser vista, rádio, publicidade, concursos importantes, que deviam preceder a grande *tournee* organizada pelo meu empresário.

Foi-me apresentada uma quantidade imensa de pessoas. Ninguém interessante. Depois, certo dia travei conhecimento com Dick Harris. Não sei se me agradou. Talvez comesse por detestá-lo por causa daquela calma imperturbável, por causa daquela superioridade esmagadora sobre toda a gente, por causa daquela ridícula mania de ter sempre razão...

Uma coisa, pelo menos, era certa: não era como os outros. Logo na primeira noite tivemos uma discussão bastante viva sobre a vida dos artistas. «Sentia-se capaz de ensinar a todos aqueles meninos bonitos o que é a vida só numa semana de permanência na sua fábrica...»

Repliquei vivamente que é impossível forçar um artista a trabalhar como um operário vulgar.

— Creia que é possível — insistiu. Apóstrofe que era capaz de a fazer to-



SERENATA

TRAGICA

car durante uma hora seguida a bem ou a mal!

— Gostava de ver isso! — disse eu... Engana-se se supõe que os seus milhões bastavam para me fazer tocar quando eu não quisesse...

* * *

Dick Harris riu e contentou-se com isso. Estava, então, muito mais simpático, com a sua cara de rapaz e os seus olhos luminosos.

— Vai uma aposta? — propôs. E acrescentou: uma caixa de champagne, se eu perder, e uma ceia em sua companhia, se ganhar. Concorda?

Aceteci, admirada de me rir com ele em vez de ficar furiosa com aquele homem impassível.

Mudámos de conversa e Dick falou de «gangsters». O assunto não deixava de ter actualidade: dois ou três assaltos por dia eram, então, uma média fraça. Quando os assaltantes eram surpreendidos chacinavam, sem dó, os donos da casa...

— Não é lá muito bonito, explicara Dick, mas é apenas consequência das nossas leis.

E explicou depois que as infracções à mão armada se tinham multiplicado a tal ponto que era preciso reprimi-las com as sanções mais severas.

— Cá por mim — concluiu — se «esses malandros no meu quarto fingia que estava morto. Prudência acima de tudo...»

E a noite acabou muito agradável-

mente. Dick dançava muito bem para semi-civilizado que era...

Dois dias depois, estava na casa luxuosa, que me vira forçada a alugar para satisfazer as exigências do «Publicity Department». O meu primeiro concerto estava anunciado para essa semana. Há uma hora que ensaiava a minha «Serenata de Amors», na qual pensara já introduzir algumas modificações. —

* * *

A porta que dava para o grande salão tinha ficado entreaberta. O meu agente tinha-me forçado a acumular ali os teouros, velhas pratas que colecionara durante as minhas viagens.

Subitamente, um ruído inesperado despertou a minha atenção. A minha criada única, uma velha criada de quarto, tinha pedido licença para a noite, e eu estava absolutamente só em casa. De repente, vi três homens mascarados que silhavam tranquilamente as pratas. Dois deles faziam o serviço. O terceiro trazia uma pistola-metralhadora impressionante, apontando o cano para a porta entreaberta, isto é, para mim, pronto a fazer fogo se eu me tornasse perigosa ou se eu notasse a presença dos ladrões.

E as palavras de Dick Harris acudiram-me como que num relâmpago: «Eles atiram quando se vêem descobertos!».

E continuei a tocar... Tocava certa de que era aquela a única maneira de convencer os bandidos de

que nada notara, de que era inofensiva. Tocava num verdadeiro transe, trêmula de medo, voltando constantemente à minha serenata como se um demónio me impelisse para esse trabalho infernal!

Os «gangsters» pareciam não ter a menor pressa de acabar o trabalho.

Sentia um suor de fadiga, de enervamento a invadir-me a testa e as mãos. O meu violino guinchava dissonâncias atrozes. Quando parei por um instante, vi o meu guarda endireitar-se e apontar a pistola na minha direcção...

Voltei de novo à «Serenata». Bruscadamente, a porta abriu-se e Dick Harris apareceu à porta.

Estive quasi a desmaiar. Quis gritar para o prevenir do horrível perigo que corria, mas estava como que pregada ao chão, incapaz do menor gesto.

Harris riu então com o seu ar imprudente e superior, e disse aos «gangsters»:

— Muito bem, rapazes! Belo trabalho! Contem com o cheque amanhã, no meu escritório.

Os «gangsters» eram comparsas que ele tinha arranjado para ganhar a aposta: fazer-me tocar durante uma hora inteira contra minha vontade...

Estava doida de raiva. Sentia desejos de arranhar aquele monstro que sabia fazer curvar o mundo inteiro à sua vontade. Creio que o fiz!

E, depois de tantas emoções, fomos cair. Tinha ganho a aposta, não é verdade?

Vi-o muitas vezes durante uma semana. Depois, certa manhã, ao abrir o jornal, saltou-me aos olhos uma notícia:

«O célebre construtor Dick Harris, vítima dos «gangsters»!

Ontem à noite, tendo surpreendido ladrões que lhe saqueavam a casa...»

* * *

E só alguns dias depois soube a verdade toda. Dick tinha voltado tarde para casa. Como tinha esquecido as chaves, entrara pela porta de serviço. Descobriu ladrões que lhe queriam arrombar o cofre. Em vez de telefonar à polícia, disse:

— Olá, rapazes, não vale a pena representar para mim! Vão a casa de Féedora e digam-lhe que a sua pequenina vingança falhou...

Simplemente, por infelicidade, eu não era vista nem achada no assunto. E os «gangsters» tinham pistola-metralhadora, tal como da outra vez os comparsas...

Féedora Ervânia levantou-se. Estava muito pálida.

— Fobre Dick! Fobre ar superior! Fobre riso de cranha!

E em tom estrebado, accentuando bem as palavras, concluiu:

— Nunca mais ouvirás a minha «Serenata de Amors»!

OS "CINCO GRANDES" DA CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO



STETTINIUS



MOLOTOV



EDEN



SOONG



EIDAÜLT

A OBRA DA CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO

O QUE É E O QUE É A CARTA DAS NAÇÕES

Por JOSÉ CORREIA RIBEIRO

HÁ dias, um leitor escreveu-me a pedir que lhe explicasse o que significava e o que valia a Carta das Nações Unidas. Por este motivo, vou procurar satisfazer essa curiosidade de acordo com os elementos de informação de que disponho.

Antes de mais nada, devo esclarecer que, embora tivesse sido aprovada por todas as delegações internacionais reunidas em S. Francisco, a Carta das Nações Unidas não impede nem garante a impossibilidade de, no futuro, virem a declarar-se novas guerras mundiais.

Com efeito, não foram estabelecidas quaisquer medidas contra qualquer Grande Potência que desobedeça às cláusulas da Carta, e esta baseia-se apenas na esperança de que todos as Grandes Potências continuem a agir de acordo a preservar a Paz.

Assim, quaisquer divergências suscitadas entre os Cinco Grandes serão resolvidas fora da organização das Nações Unidas por meio de negociações diplomáticas ou... em última análise, pela força...

No entanto, o novo estatuto mundial disporá duma empenhagem que pode preservar a Paz, caso todos os países concórdem em submeter à arbitragem internacional as disputas que se manifestarem, e, se todas as grandes potências estiverem de acordo, qualquer agressor sofrerá imediatamente as consequências do seu acto.

OS PODERES DOS CINCO GRANDES

Como, porém, qualquer dos Cinco Grandes pode exercer o direito de veto, simultaneamente pode impedir quaisquer preparativos tendentes a um entendimento elaborado pelo Conselho de Segurança, que é composto pelos Cinco Grandes e mais seis nações eleitas pela Assembleia Geral.

Dêste modo, a acção económica e o uso da força não podem ser empregados sem a aprovação unânime dos Cinco Grandes, e daqui, se conclue que estes ficaram com poderes muito vastos.

Como se explica tal situação?

Em princípio, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Rússia, a França e a China concordaram que todo e qualquer conflito que afecte as respectivas esferas de segurança e de influência fluipe fora do alcance do Conselho de Segurança porque, como têm de fornecer a maior parte das armas e dos combatentes para fazer face a qualquer agressão, se consideram no direito de tomar as últimas decisões sob a sua inteira responsabilidade.

Ao ser feita esta proposta, muitas das delegações reunidas em S. Francisco declararam não aquiescer livremente a semelhantes condições.

Porém, perante a afirmação de que, caso mantivessem essa atitude, a Carta não seria assinada, os países discordantes tiveram de aprovar esta cláusula e limitaram-se a confiar nas possibilidades da opinião mundial ser mobilizada pelas discussões da Assembleia Universal, onde estão representadas todas as nações convocadas para a conferência, para evitar que os Cinco Grandes abussem dos seus poderes.

Em resumo: pode dizer-se que a Carta estabelece que as Nações Unidas respeitarão os seus compromissos para manter a Paz e porão em prática os elevados ideais e aspirações que são apontados como seus objectivos primaciaes.

AS FORÇAS NACIONAIS

As sanções contra qualquer agressor serão aplicadas pela Comissão Militar do Estado-Maior, que ainda não foi criada. Não haverá Força de Paz Internacional que deva fidelidade e obediência exclusiva às Nações Unidas. Em contra-partida, cada nação fornecerá determinados contingentes militares cujo valor numérico ainda não foi determinado. Estes contingentes podem ser constituídos por navios de guerra, forças aéreas ou forças terrestres que serão compostas por nacionais de diferentes países, segundo as resoluções do Conselho de Segurança. Todas as nações podem ser convidadas a ceder bases a das avrer passagem às tropas destinadas a dominar e a castigar o futuro agressor. No tempo a tempo, realizar-se-ão manobras conjuntas por

(Continua na pág. 16)

O MAGESTOSO ANFITEATRO DA OPERA HOUSE, EM S. FRANCISCO, ONDE SE REALIZOU A CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS E FOI ELABORADA A "CARTA DO MUNDO"

ANELA ABERTA

POr MANUEL MARTINHO

Gente Divertida

NÃO sei a quantas pessoas terá acontecido o mesmo.

A mim, jurô — já duas vezes. E a questão do veraneto — e conta-se em duas palavras.

Toda a gente, mal entra o calor, pensa logo em ir para fora, gozar as tais mercedas férias, que nunca dão descanso algum.

Escuso de vos contar a balbúrdia desses momentos, em que, desastrosamente, se fazem os preparativos, mettendo tudo em maletas, em sacos, com a camelineta, apressada, à porta. Claro que mal se põe o pé em Meleças, ou o que é, repara-se logo que se esqueceu o essencial — e não veio o tacho ou os guisados, nem o pincei da barba.

Depois gradualmente, a criadota todos os dias dá uma novidade: que trouxe muitos esfregões de louca e só duas toalhas de banho — que já correu a vila toda e não encontra esprevedores para o fogão a petróleo, enfim, um autêntico fracasso no veraneto.

Então diante daquele negligente desleixo de uma vila sem esprevedores para o fogão a petróleo, o pacato cidadão liurgesse contra a civilização — ataca o estado... das vilas que vivem, primitivamente, num abandono, sem luz nem água encaçada — e ainda pior, sem café e bilhares...

Conto a filha, terciarilista numa escola comercial com os seus dezóito anos atrevidos, diz logo que lamenta a hora em que all pòs os pés, sempre mordida pelas meigas — e sem haver cinema, nem explanadas... E a pobre senhora, que andava por aquelle período de férias, e que, trabalhando como uma moura já perdeu quilos e meio em cinco dias, suspiros, com o lento crochets nas mãos, pensa que deve ser delicioso regressar a Lisboa...

De modo que, amuados, zangados, cada um puxando para seu lado, mais compicam aquelle desconsolado viver. Já no fim, passada a tortura daquele mês, chega uma família espiritosa, que revoluciona aquela pacatez.

E um casal — com dois filhos. A rapariga, viva, muito pintada, repuxa o cabelo, enfeitado de travessinhas; terá dezóito anos — mas miúda e estreita, cintura de dois palmos, parece que ainda traz a última muda de dentes, calafetados com strouges. O mano, o Zeca, atrevido, espeta, com enforcada posse, a petiaca de ranhúlio, na cambusa azul-desportiva e quente.

Fuma desenfundadamente, cigarros ingleses; traz sempre na mão um jornal estrangeiro que não sabe ler, — e a propósito de tudo, rufar o nariz num jeito nervoso, obrigatório, que elle julga ser afável. O papá é vegetariano — e passa as tardes a armar os pássaros, na larga seara, sem trigo; a mamã só aparece à tarde, muito preparada, depois de ter cumprido os proceitos rituais das sextas e da estética.

Mas, então, preguntá-se: como é que elles são espirituosos? Exactamente em não fazerem nada — que os outros fazem. Inventaram logo que o que torna delicioso as férias, é o estrepito convívio. E, rapá-

(Continua na pág. 14)



Madalena Sotto, como mulher e como artista uma das figuras mais interessantes do nosso teatro de hoje, teve, há dias, um gesto gentil reinindo num almoço íntimo os criticos teatrais dos jornais de Lisboa. Quis assim manifestar-lhes o seu reconhecimento pela maneira como tem apreciado a sua actuação como actriz.

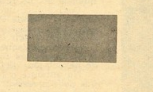


FIGURAS DA VIDA PORTUGUESA



Acabe de ser agraciado com o grau de comendador da Ordem de Beneficência o sr. Alfredo Moreira, importante industrial e administrador-delegado da empresa proprietária do «Diário de Notícias». Homem de trabalho e ao mesmo tempo homem de coração, as suas admiráveis qualidades de honestidade e de actividade asseguraram-lhe, apesar da sua origem humilde, uma posição que é das de maior relevo na vida económica e social da nação.

No largo da Misericórdia, 18-19, foram, há dias, inaugurados os salões de venda da Manufactura de Tapetes de Lisboa. Esses salões, magnificamente decorados, constituem, só por si, com o seu requintado bom gosto, uma manifestação de arte. Pode dizer-se que todo o mundo elegante da capital assistiu a essa inauguração, admirando as belas coleções de tapetes e carpetes executados por essa nova empresa — produtos que deslumbram pela arte da sua concepção e pelo valioso efeito decorativo da sua cor e desenho.



O curso jurídico de 1918-1920 da Faculdade de Lisboa que festejou agora as suas «Festas de Prata». Festa de confraternização simpática e evocativa, constituiu uma evocação saudosa de velhos tempos de camaradagem e estudo.



Integrado no Concurso Nacional do Vestido de Chita — organização do «Jornal de Notícias», do Porto — teve lugar o Concurso de Setúbal para apurar a vencedora desta cidade. Na foto, as 30 raparigas de Setúbal que participaram no concurso.



Estive em Lisboa o sr. H. T. Kingsbury, delegado do grande grupo de fábricas inglesas Roots, Ltd. — o maior actualmente existente em Inglaterra na especialidade de automóveis e camionas — que fez a amabilidade de oferecer um cocktail à Imprensa. Assistiram a essa festa, tocante na sua simplicidade, além dos jornalistas, representantes da Embaixada inglesa e o agente da organização em Portugal, sr. Coelho Pacheco.

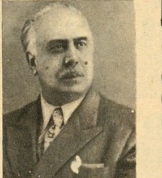


O Prof. Campos Coelho levou a efeito, há dias, no Sindicato Nacional dos Músicos o costumeiro concerto anual para apresentação dos seus alunos de piano. Esse concerto constituiu mais uma afirmação do valor de Campos Coelho — como compositor e como mestre.



Maxime Vautier, figura de destaque na colónia francesa e um dos mais importantes comerciantes e industriais de Lisboa, foi homenageado pelo seu pessoal com um banquete que constituiu uma manifestação bastante justa de apreço pela sua obra social, na verdade notável, a favor de todos os que desenvolvem actividade na sua importante firma. Presidiu ao banquete Madame Vautier, esposa do homenageado.

O Dr. Herlander Ribeiro



VAI SER JUIZ - ACESSOR
DO TRIBUNAL
DAS NAÇÕES UNIDAS

O sr. dr. Herlander Ribeiro, consultor jurídico da U. N. R. R. A., para a Europa Latina, acaba de ser convidado para juiz acessor do Tribunal Internacional das Nações Unidas, que começa a funcionar em Londres em fins de Agosto. Atribue-se a alta honra conferida ao lustre advogado português ao êxito obtido pelo seu livro *Alma Juda*, traduzido em francês, inglês e holandês, e por vários trabalhos seus, como as teses apresentadas à Comissão Internacional para a Reconstrução do Pensamento Humano, que o *Times* e o *Daily Mail* dizem ter sido aprovadas.

O livro sobre a Rússia, da autoria do dr. Herlander Ribeiro, atingiu três edições, e a edição americana de *Alma Juda* eleva-se a um milhão de exemplares.

Aceite o honroso convite, feito a título meramente pessoal, o brilhante advogado deve partir para Londres, a tomar parte na primeira revisão do tribunal, cujos trabalhos dependem, como é de calcular, da reunião de Potsdam.

F A L A "EL CICLONE"

NUNCA ME OPUZ
A QUE COMIGO
ALTERNASSE
QUALQUER TOU-
REIRO!...

Diz-nos o "espada" mexicano

CARLOS ARRUZA

QUEM na nocturna do Campo Pequeno pôde apreciar o trabalho de Arruza com o muletá cruzando-se bárbaramente com um touro que exigia que se lhe pisasse o terreno para depois escorrer a mão, incrivelmente baixa, levando o inimigo empapado nas dobras da farsela, ficou compreendendo o motivo porque o mexicano marcha à frente de todos em número de corridas toureadas e êxitos obtidos. É que se não pode tourear melhor, com mais verdade e com maior sentido artístico!

Arruza, a figura cimeira desta difícil temporada de 1945, o toureiro que dividiu as opiniões das "aficións" espanhola e ergueu um touro junto ao sêdo do «Cliff de Córdoba», toureou em Lisboa duas escassas semanas e pela primeira vez, depois da grave colisão de Burgos. Vulgar como é ser uma cornada, senão o eclipse total, pelo menos o princípio da decadência de um toureiro, essa circunstância, revestiu a apresentação de Arruza, em Lisboa, de justificada curiosidade.

Afinal, Carlos, o «Ciclone», está como sempre — um enorme toureiro! Assim o afirmou no redondel, justificando o que nos havia dito, nos escassos momentos em que com ele charlamos.

Quando lhe preguntámos se já se achava completamente restabelecido e nos respondeu «em um equívoco», não pudimos esconder a nossa surpresa. Arruza, porém, esclarece:

— Admira-se que saia a tourear sem estar completamente restabelecido? Assim tem que ser... Os indomitos compromissos que tenho a laço me obrigam... Desde que me sinta capaz de o fazer, seria ingrátido para com o público que tanto me tem acarinhado, forçá-lo a esperar mais tempo.

— E se piorar? É tão freqüente voltar a gravidade a feridas mal curadas...

— Não importa. Sinto-me capaz de tourear — pertenco, pois, ao público. O resto, questão puramente pessoal, é secundário.

Ouidas estas palavras, não pudemos deixar de envolver Arruza num ohar de redolência admirativa.

— Como ocorreu a colisão? — preguntámos. (Continua na página 16)



**PASTA
MEDICINAL**
Couto
TRATA TODAS
AS
DOENÇAS DA
BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$80

**Tiká
MATA**

**PERCEVEIOS
BARATAS
PULGAS
TRAÇA**

Vende-se nas Farmácias e Drozarias

Depósitos: Cada caixa 3\$00

Lisboa—Largo do Contador Mór, 4-A

Porto—Largo de S. Domingos, 108

O VELHO PORTO

Niepoort
sabe...
a quem sabe



O advogado e notário dr. José Cardoso, uma das mais conhecidas figuras da Beira Litoral, realizou na Casa da Comarca de Arganil, em Lisboa, uma interessante conferência sobre a Pigeira da Foz. O interesse por essa palestra foi grande. O conferente ao ser apresentado pelo jornalista Augusto Pinto

Mary Dely

(Continuação da página 12)

— muito, ainda que pareça estranho aos que conhecem o meu temperamento, os papéis dramáticos!...

— Vamos ouvir também na Rádio, não é verdade?

— Espero que brevemente...

E vem mais um capítulo da «história-relâmpago»:

— Uma tarde fui com umas pessoas amigas à Emissora. Apresentaram-me a um locutor que, ao ser-lhe dito quem eu era, me perguntou se me interessaria cantar na Rádio. Se me interessava! Era outro sonho! O referido locutor escreveu, então, umas linhas a outro funcionário dos Serviços Musicais e no dia seguinte, terça-feira, apresentei-me para ser ouvida.

A satisfação da jovem artista patentei-se-lhe no semblante e transpareceu da sua harmoniosa voz:

— Na quinta-feira seguinte era informada, telefonicamente, que agradara, e me considerava aprovada!...

— Agora...

— Agora, espero que me chamem para o primeiro programa...

E ENTAO?!!!

— Tínhamos ou não tínhamos razão, leitor amigo? Isto assemelha-se, salvo as devidas proporções, a um conto de fadas: «A menina que chegou, ainda ninguém viu nem ouviu, e todos dizem que vencerá».

Com 16 anos de idade, não se pode exigir mais. A sua história, sendo curta, tem pitoresco e ineditismo, entre nós. Pode afirmar-se que nela não há um minuto perdido!...

Resta desejar-lhe que corte par êxitos as horas de todas as suas interpretações!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

O GRANDE
ACONTECIMENTO
DO CENTENÁRIO

Eça de Queiroz
O HOMEM E O ARTISTA

por
JOÃO GASPAR SIMÕES

A vida e a obra do
grande romancista à
luz duma nova inter-
pretação.

Volume de grande
formato, com 27 gra-
vuras hors-text
e cerca de 700 págs

Esc. 60\$00

Depósitos a

LIVROS DO BRAZIL, L.^{da}
Rua Vitor Cordeiro, 29

À venda em todas as Livrarias

Berta de Bivar

(Continuação da página 13)

Bivar esteve na Emissora, à frente de um elenco de que faziam parte Carmen Dolores — outra artista de grandes qualidades radiofónicas que é preciso aproveitar — Patrício Alvares, António Sarmento e Pestana de Amorim, para interpretar «Casamento e mortalha», dois actos de D. João da Câmara.

Estaremos em presença de um caminho definitivo? Iremos, enfim, ter um elenco de teatro radiofónico?

A Berta de Bivar não faltam qualidades para o orientar, se possível: for: cultura, consciência e belas qualidades de interpretação, sem esquecer uma voz com per cento radiofónica.

Inscrição para o filme "Matinée às quatro"

Nome

Idade Profissão

Morada

Desportos que pratica Habilitações literárias

Sabe cantar? Que género?

Sabe dançar? Que género de dança?

Gente Divertida

Continuação da página 101

damente, apresentam-se a toda a gente. A mana trata logo por tu homens respeitáveis, alguns avós, com pipratos na orelha...

Acham graça — espirituosa. Um dia em que o sr. dr. Julia dormia, debaixo dum castanheiro a sua sesta, na cadeira de viagem, põe-lhe, nas orelhas, formigas de asa. A dona Felicidade, viva e rica,

deleitava-se com a graça do mano — que se lhe pendura no braço e a pisa num ewing; estonteante, demasiado para a sua idade.

Mas o veranico acaba — com o regresso a Lisboa.

E todos lamentam que as férias acabassem — agora que aquilo estava tão divertido!

MANUEL MARTINHO



CASA *José Costa*
RÁDIO

RUA DE S. PAULO, 11-13 LISBOA TEL. 24888

PODE CONSIDERAR-SE "SEQUESTRADA" UMA CRIANÇA QUE ESTÁ EM COMPANHIA DE SUA MÃE?

do pai, a mãe de nada mais quis saber de que pegar no filho e levá-lo nos braços para longe, para bem longe, para onde ninguém lho possa tirar.

Enfim... Oxalá o assunto se resolva o melhor possível — uma vez que, a bem, já se não pode resolver.

Mas do que estamos certos é de que a palavra *sequestro*, neste caso, queimaria os lábios de qualquer mulher portuguesa a quem pedissem para a pronunciar e que, no tribunal da opinião pública, Luísa Aurora Severino tem mais do que uma absolvição: — a bênção de todas as mães da nossa terra, de todas as mulheres do mundo que saibam o que pode representar esta palavra: — *Filho!*

Evidentemente que infringiu uma determinação que tem que aceitar como legal.

Mas não será também legal a mãe, D. Albertina Aurora Duarte Gorinho, avó do pequeno, ouvida na P. I. C., declarar que não sabe onde se encontra a filha — visto que até a lei lhe permite não responder a tal pergunta?

mos: e se, fôsse possível harmonizar o público uma notícia, tanto quanto possível exacta, sobre o assunto?

Parece que, ao princípio, viveram felizes, mas, depois, a vida em comum tornou-se insuportável. E, um dia, ela chegou ao ponto de procurar um advogado para pedir o divórcio, alegando maus tratos.

Ele, porém, antecipou-se, e pôs o o divórcio contra ela, por *ofensas graves*, com pormenores que não andavam longe duma acusação de *quilíbrio*.

O processo foi julgado, à honrabilidade e porte irreprensível dela é feita justiça em pleno tribunal, e, se alguma coisa se prova é que éle, de facto, a maltratava.

E o divórcio foi decretado a favor dela, que tinha como advogado o dr. Paradelia de Oliveira — nome que recorda lindas canções de Coimbra, mas que também garante a presença dum advogado honesto e sabedor e dum homem de coração e carácter.

Mas havia um filho de três anos, uma encantadora criança, a única alegria da mãe e que, de tal modo a adora que, quando alguém, ditivamente, batia à porta, se escondia com medo que alguém a fôsse all buscar...

A mãe não é rica. Era avalista na Commissão Reguladora do Comércio de Carvões, mas até o emprego deixara para melhor poder dedicar-se ao filho. No entanto, outra coisa não pretende que a criança lhe seja entregue — uma vez que a sua honra saía limpa do tribunal e que foi cair longe a lama que quizeram maldosamente arremegar-lhe.

E quando o meritíssimo juiz da Tularia, Dr. Manuel Lourenço Vasco, sentenciou que a criança não seria entregue à mãe nem ao pai — mas a uma madrinha, que é, afinal, irmã



Neste 3.º andar do prédio n.º 30 da Avenida 3 de Outubro, morreu o pequeno com a mãe e a avó, depois da separação dos pais.

Foi sequestrada

uma criança de 3 anos



Foi comunicado à Polícia de Investigação Criminal que se encontrava sequestrada uma criança de 3 anos de idade.

A referida criança foi levada por Luísa Aurora Severino, da parte de casa onde vivia, na Avenida Ciano de Outubro, 30, 1.º.

Há obras de quinze dias que a Luísa se ausentou para parte incerta, mas há vendo notícias dela nem na imprensa.

Foi encarregado das respectivas investigações o agente José Valente.

Quando lhe pediram o paradeiro das

Os jornais publicaram, há dias, várias notícias sobre um caso que se dizia ser um sequestro.

É do «Diário de Lisboa» a notícia sobre o assunto que reproduzimos. E, à primeira vista, dava a impressão que essa tal Luísa Aurora Severino, que nem sequer se dizia ser mãe da criança, a tinha, de facto, sequestrada.

Mas logo no dia seguinte os jornais rectificavam a notícia, dizendo que a criança tinha sido levada por sua mãe, a fim de evitar que o pai a levasse para uma casa onde ela já esteve.

E a opinião pública, sempre com propensão para apalxonar-se por estes casos sentimentais, interessou-se vivamente, pelo caso.

Que drama de família se escondia por detrás das lacónicas palavras duma notícia de jornal?

Muito honestamente — como, aliás, é sua norma — o «Diário de Lisboa» confessava, na sua segunda notícia: «A notícia da queixa e o retrato que publicámos, foram-nos fornecidos sem que tivéssemos sido informados de que a criança sequestrada era filha da senhora dada também como desaparecida».

Lemos as duas notícias, e pensá-



O SORRISO DA ESPÓSA, A ALEGRIA DOS FILHOS
... E UM SEGURO EDUCAÇÃO NA

IMPÉRIO



COMPANHIA
DE SEGUROS

RUA GARRETT, 56
LISBOA

Que é e o que vale a Carta das Nações Unidas

(Continuação da página 9)

fórcas de vários países, conforme os acordos estabelecidos pelo Conselho de Segurança.

A todas as potências médias e pequenas será concedido o direito de serem ouvidas pelo Conselho de Segurança, caso haja a intenção de utilizar as suas forças armadas contra o agressor em foco.

Também será possível actuar segundo e conforme pactos regionais — semelhantes aos existentes entre as repúblicas americanas — para a solução pacífica dos conflitos e para acção contra agressores em determinadas circunstâncias.

O objectivo principal da nova organização será, por conseguinte, tornar-se o centro do desenvolvimento de relações pacíficas baseadas em igualdade de direitos e boa-vontade dos povos e estabelecer a mais íntima cooperação nos problemas económicos, sociais e culturais. Isto é impossível num mundo continuamente ameaçado pela guerra, de modo que a nova organização mundial procurará manter a paz e a segurança internacionais e resolver os conflitos internacionais por meios pacíficos. Além disso, encorajará as nações de civilização mais atrasada a adquirir governos próprios e a melhorarem as suas condições de vida.

Em relação à antiga Sociedade das Nações, a Carta do Mundo apresenta uma diferença fundamental. Na Sociedade, todas as nações tinham de estar em completo acordo antes de ser tomada qualquer resolução. Agora, só se um dos Cinco Grandes se abster de votar, é que a maioria ficará comprometida.

A Carta das Nações Unidas advoga um mundo de boa vizinhança. Procurará encorajar a aplicação da justiça e da tolerância e tentará garantir o progresso social, a abolição dos desemprego, o estabelecimento de mais elevados níveis de vida e melhor educação para todos os seres humanos sem distinção de raças, línguas, religiões ou sexos.

Para se conseguirem estes fins, estudou-se a criação do Conselho Social e Económico. Este corpo, no qual ficarão representados os Cinco Grandes mais treze países eleitos, poderá investigar os meios de vida e aconselhar o seu aperfeiçoamento. Por outro lado, poderá também iniciar negociações tendentes a levar a efeito melhoramentos económicos e sociais, e apresentar as questões de saúde e educação públicas perante a Assembleia Geral, que se reunirá todos os anos.

Se bem que não possa intervir directamente nos assuntos de carácter doméstico das nações soberanas, pode chamá-las ao tribunal da opinião pública, caso se verifique a probabilidade de poder desencadear uma guerra.

A QUESTÃO COLONIAL AS EXCLUSÕES E A SOCIEDADE DAS NAÇÕES

As áreas e colónias sob regime de mandato ficarão sujeitas a um novo corpo chamado Comissão de Curadorias. Os poderes desta Comissão não são tão vastos como desejavam a Austrália e outros países; mas, reconheceu-se a necessidade de que todas as raças atrasadas venham a ter melhor educação, melhores serviços de saúde e mais elevados níveis de vida, assim como se reconheceu que deveriam ter governo próprio.

Os delegados britânicos e os representantes de outras potências coloniais insistiram que a completa independência é impraticável em relação à maior parte das raças nativas, e porque são excessivamente pequenas, excessivamente pobres e excessivamente pouco desenvolvidas sob todos os aspectos para poderem viver sem o auxílio das grandes potências.

E, de acordo com estas idéias, o Primeiro Ministro Fraser, da Nova-Zelândia, salientou que talvez fosse preferível reconhecer essa interdependência, visto que, nalguns casos, ella era mais importante do que a independência.

A nova Organização das Nações Unidas não está limitada aos primeiros cinquenta signatários da carta. A Polónia só a assinou depois do encerramento da Conferência de S. Francisco.

Resta abordar a situação da antiga Sociedade das Nações. Provavelmente, desaparecerá, ou quanto muito a sede de Genebra transformar-se-á em dependência da Organização das Nações Unidas.

Muitos países, entre eles a Rússia, são contrários à utilização das instalações de Genebra, por não quererem associar o novo organismo ao fracasso da experiência de Wilson. No entanto, o Tribunal Mundial, que foi remodelado, deve continuar a funcionar em Haia.

CARLOS ARRUZA

(Continuação da página 11)

— No mais estúpido momento; quando dava o primeiro lance de cado pote. O toiro smeteu-se incompreensivelmente e colheu...

— Quantas corridas leva toureadas?

— Cinquenta. Restam-me cerca de oitenta contratos a cumprir.

— Orienta! Então chegará às cento e trinta...

— Se os toiros o permitirem...

— Diga-nos: o que há de verdade sobre a sua disposição de não alternar com toureiros mexicanos?

O rosto amálgamico de Carlos toma uma expressão vigorosa ao afirmar categoricamente:

— Absolutamente nada! Nunca me opus a que comigo alternasse qualquer toureiro. Pelo contrário, até tenho lembrado aos organizadores alguns espanhóis meus. E acrescenta: Eu sei que aqui, como em Espanha, corre esse boato que já tive necessidade de desmentir através dos jornais de Madrid. Em qualquer parte onde tourear será com prazer que vejo nos cartazes o meu nome ligado ao de qualquer toureiro da minha pátria.

Com esta afirmação sensacional davamos por concluída a nossa palestra com Arruza, depois de lhe desejarmos, ante a «arifação» portuguesa, uma acatuação triplicada. Mal pervamos, então, que horas depois teríamos a lamentar o facto de os mais representativo e disputado toureiro da actualidade tocar um lote de toiros impróprio do último dos matetas!

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

AU BON MARCHÉ APRESENTA

o maior sortido de
TALHERES, LOUÇAS
VIDROS E CRISTAIS



Sempre novidades em artigos
para brindes e menage.

AU BON MARCHÉ

45, RUA DA ASSUNÇÃO, 47

As Bodas de Ouro do São Luis

(Continuação da página 5)

— e assim continua a ser, porque o tesouro legado por esses dois homens foi cuidadosamente conservado e acredição por João Ortaligo Ramos.

Obedecendo à lei do tempo, as figuras vivas desapareceram do palco e as imagens animadas fulguram agora na tela branca. Mas não resta dúvida de que, em relação ao Cinema, o São Luis ocupa o pósto brilhante e tem o mesmo nível do D. Amélia, em relação ao Teatro.

Felizes as casas de espectáculos que ao fim de cinquenta anos se mantêm a altura dos seus gloriosos pergaminhos!

Getez

GRANDE HOTEL MAIA

TELEF. 7 219

Nova gerência de:

Rosa Lourdes Maia
Mario Felmino Melo e Silva
Joacina Augusta de Silva

Apartamentos com quartos de banho privados.

Serviço de cozinha esmerado para diabéticos e turistas.

Abriu em 1 de Junho e encerra a 31 de Outubro



Carros que servem a casa
CRUZ

DUQUES DE ÁVILA
SALDANHA
S. SEBASTIÃO
CARMO
ALMIRANTE REIS

Paragem junto à Av. 5 de Outubro

Durante este mês
grande venda de
retalhos



O "SEXO FRACO" NA AMERICA

A mulher americana beleza e graça dos campos desportivos



1) que é? Apenas isto: uma linda rapariga acaba de atingir a meta nas com meiras. Nas bancadas, entusiasmados, grita-se pelo seu nome.



2) — Fora! — grita esta esportadora. Apesar do jogo ser entre mulheres, elas já descobriam muitos traques contrários ao espírito desportivo...

NOVA-YORK, juvenil e dinâmica, enche de alegria os seus ruidosos estádios.

A mulher americana enverga a ganga e trabalha, ao lado do homem, nas oficinas.

Pendura-se nos espaldares e salta, graciosa e ligeira, o plinto. Guia o automóvel com o a-vontade de qualquer mecânico e, na carilina, cruza os arcos, de cigarrilha na boca.

Acostumada à vida larga e saudável dos campos e das praças — a mulher americana adoptou, como passatempo, a piscina e o campo desportivo.

E assim que vemos os estádios encherem-se dum público entusiasmado que vai aplaudir as jovens atletas.

Há interesse, animação — e fazem-se apostas por atletas de cabelos à Verdónica.

O «Dia da mulher» é a coroação do seu esforço atlético. O disco, o dardo, as corridas, o «basket-ball», dão-lhe energias novas — é uma personalidade otimista ao encarar a vida. O «crochet» e os pequenos e sonoiENTOS bordados puse-ram-se de lado.

A ginástica e o desporto revigoram o corpo e dão-lhe esbeltaza.

E é interessante accentuar que o desporto americano conta hoje com «records» femininos que muitos homens não conseguiram alcançar.

A mulher deixou, pois, de se preocupar só com o chi-

(Continua na página 16) N



3) Uma fase do jogo que dá vontade de rir. Há alegria no rosto estas raparigas, que fazem desporto a seu passatempo predilecto.

4) expressiva esta imagem: Uma eterna das competições desportivas protesta, indignada, contra a arbitragem, que está a ser parcial.

5) Há também aquelas que levam os binóculos para ver melhor. De facto, um jogo de raparigas tem sempre muito que ver...



AS "MANAS" DA RÁDIO PORTUGUESA



ESTAS SÃAS E ENCANTADORAS, NÃO ACHAM?

As Irmãs Andrews foram o modelo. As revistas ilustradas espalharam pelo mundo o seu sorriso gentil; o cinema mostrou a sua graça; os discos trouxeram o ineditíssimo picante das suas canções. São três, mas cantam como se fossem uma só. E em todo o mundo surgiram grupos de duas e três raparigas gentis, com a especialidade dos números a vozes e a mostrarem-nos que, infelizmente, nem todos ésses grupos eram — uma especialidade.

Na Rádio Brasileira, na Rádio Espanhola — em toda a parte surgiram imitadoras das simpáticas Andrews, umas aproximando-se mais do seu estilo, cultivando a música americana, moderna e triplante, outras aproveitando o género e adaptando-o ao folclore do seu país.

Portugal não podia ser uma excepção. E, felizmente para os ouvidos dos radiófilos portugueses, não tememos muita razão de queixar dessas raparigas, porque são alegres, simpáticas — e «rainadinhas».

As primeiras foram as Remartinez. Trata-se de duas raparigas irradiando simpatia, e que, artis-

AS GENTIS IRMÃS REMARTINEZ INTERPRETANDO UMA DAS SUAS CANÇÕES DE MAIOR ÊXITO.

ticamente, constituem um número de indiscutível «segurança».

Tanto interpretam as moderníssimas canções americanas, como números alegres ou tristes, do nosso folclore. E onde ouere que surjam as Irmãs Remartinez, o êxito é certo — que o nosso público também já vai sabendo distinguir o trigo do joio...

A seguir, se não estamos em erro, surgiram as Irmãs Santos. Apareceram e logo conquistaram, com a frescura das suas vozes e da sua modicidade, inúmeras simpatias. Irmãs do brilhante pianista moderno João Andrade Santos, têm especial critério na escolha do seu repertório: têm, tanto como as Remartinez, o defeito de não sabrem ou não quererem tratar da sua publicidade. Agradam — só porque agradam, sem reclamos nos jornais nem disparatados meios de propaganda. Mas nem por isso os rádio-ouvintes as conhecem menos ou menos as apreciam...

Segundo a ordem de aparição na Rádio, temos as Irmãs Meireles, três raparigas gentis, modernas, que conquistaram facilmente inúmeros «fans» e conseguiram tornar conhecido o seu nome, mal vieram do Pórtó, donde são naturais, e iniciaram a sua acção na nossa estação oficial.

E, finalmente, o «trio» Lamiti, três raparigas de Setúbal, simpáticas e gentis, filhas do distinto compositor e professor Armando Gomes. Apareceram desprendidamente, uma a acompanhar as outras duas num cavaculhão, e brilhantes na interpretação de canções populares portuguesas, muitas das quais da autoria de seu pai.

Não serão, talvez, tão conhecidas como as outras. Mas quem as ouve presta-lhes justiça — a justiça de aplausos que é a mais consoladora vitória para um artista.

Em resumo: a Rádio portuguesa está bem servida a respeito de «manas» que cantam a vozes. E isto porque, até em estações amadoras outras surgiram já, que não-de crescer, aparecer — e quem sabe se triunfarão!

A.



AQUI TEM AS TRÊS MEIRELES: A CIDADIA E A MILITA SORRINDO. E A ROSÁRIA COM A PREOCUPAÇÃO DE NÃO SE RIR.



VEJAM AGORA O «TRIO» LAMITI. UMA SIMPATIA, NÃO SÃO?



CONCURSO DE ARTISTAS DA RÁDIO, NA EMISSORA NACIONAL



Os concorrentes na categoria de «cantadores». O júri decidiu não atribuir este ano o prémio a nenhum dos candidatos, o que surpreendeu dolorosamente alguns deles, que esperavam, em boa verdade, merecer a vitória e a consequente compensação material... Paciência. Ficará para outro ano...



Os concorrentes da modalidade «conjuntos vocais». Prémio: 2.000 escudos de prémio, para o primeiro... que foi, afinal, «primeira»: Fernanda Remartinez, a quarta a contar da esquerda.

O júri distinguia ainda Luísa Maria (a quarta contada da direita), Fernando de Oliveira e Rui Ferrão, os dois primeiros da esquerda.



Os concorrentes da modalidade «conjuntos vocais». Prémio: 4.000\$00. Ao centro, o quarteto vencedor: o «Blandino». Os quatro primeiros a contar da esquerda, formam o quarteto Scalabitano, que venceu no ano passado.

Com esta prova, terminaram os Concursos para Artistas da Rádio de 1945 — um que, mais uma vez, tenham surgido quaisquer revelações que arjem a consagração radiofónica nacional...

A ALEGRIA VOLTOU A LONDRES!



UM BAILE DE RODA. CONFESSE, LEITOR: NÃO TEM PENSA DE NÃO TER ENTRADO NELE?



ESTA ALEGRIA É MAIS FAMILIAR — E MAIS PACÍFICA. CRIANÇAS, FLORES — UM MUNDO DE FELICIDADE.

AGORA, JÁ SE PODE OLHAR PARA O CÉU COM UM SORRISO NOS LÁBIOS; EM VEZ DE BOMBAS VOADORAS, APENAS BANDEIRAS, FOGUETES, FOCOS LUMINOSOS — A ALEGRIA NOS OLHOS E NAS ALMAS!

Os londrinos nem deram pela sua chegada. Mas a alegria chegou a Londres, precisamente na altura em que todos se encontravam loucos de entusiasmo com a notícia da vitória. E ela, a travessa, aproveitou-se dessa distração para se instalar, definitivamente, em todos os corações!

E há sorrisos nos lábios das raparigas; e há bailes de roda nas ruas apinhadas; e cerveja loira, como as loiras inglesas, em todos os copos; e alegria em todas as almas!

Londres não aprendeu agora a ser alegre, é certo. Mas quasi o tinha esquecido.

A capital inglesa viveu horas trágicas, suportou, sobre o seu heroísmo, o peso máximo da força inimiga. E não chorou. E não desanimou. Mas os lábios das gentis inglesas, que antes se abriam num sorriso franco, contriram-se numa expressão de angústia. Londres, a mártir, era o alvo das bombas voadoras — uma arma covarde contra uma população a peito descoberto.

Agora, o sorriso voltou a Londres. Levou-o consigo a alegria da primeira vitória — e a esperança, a certeza de que a segunda vitória está à vista.

E Londres canta, e dança, e ri, numa alegria que, apesar de tudo, não pode ser uma compensação dos dias tristes que passou.

A alegria voltou a Londres. E não se pode dizer que não foi recebida de braços abertos!...



A ALEGRIA SEM CERVEJA NÃO SE COMPREENDIA...



QUANDO SE É ALEGRE E MARINHEIRO INGLÊS, A ALEGRIA É MÁGICA...



LUIS PICARRA PARTE HOJE PARA O BRASIL E CANTARÁ NO "COPACABANA"

É verdade, Luis Picarra, o tenor apreciado que na Rádio e no Teatro marcou um lugar distinto, pessoalmente, possuidor de uma ecclasse que não sofre discussões, deixou hoje Lisboa, em demanda de terras brasileiras.

Já há tempo que se falava na viagem de Luis Picarra. Por compromissos vários, tinha sido adiada por uma ou duas vezes. Mas de hoje é que não passa. O sr. Lopes Pintor leu o apreciado artista à grande República Sul-Americana, onde, como em Portugal, colherá por certo, os maiores louros.

Embora atarefado com os preparativos da partida, — sim, porque ir ao Brasil, não é a mesma coisa que ir ali à margem esquerda... — Luis Picarra, além de um ótimo cantor, bom rapaz e não menos bom amigo, atendeu prontamente a nossa curiosidade.

— Então, qual é o destino? — Rio de Janeiro... — Sim, isso sabemos. Mas onde vai actuar? Em que casa de espectáculos?

— You contratado para o Casino Copacabana; todavia, o principal objectivo desta minha viagem é a visita a uma pessoa de familia que muito estimo e não vejo há bastantes annos.

— Puxa, enquanto permanecer no Rio, trabalhar na Rádio?

— Evidentemente. Já viu um peizo viver numa leitaria? Ou possando algum rebanho de ovelhas?

— E Luis Picarra sorri, com a imagem por si posto... E acrescenta:

— Como trabalhar na Rádio, em gravações e positivamente indicado para interpretar um filme. Vamos a ver se o tempo chega para tudo isso!... — Gostariamos de dizer aos nossos leitores de que filme se trata...

— Uma recusa, amável. — Por enquanto, é segredo. Bem vê, não quero comprometer ninguém!...

— Pronto. Demorará-se muito tempo no Rio de Janeiro?

— Não. De positivo, estarei dois meses, visto que compromissos anteriores me obrigam a voltar a Portugal.

— Uma pergunta que desejamos não escape: porque não edita algumas das suas produções?

— Resposta decidida: — Tenciono, sim, editar algumas produções minhas, que já dei a conhecer.

— Você, Luis, tem projectos, claro...

— Ohé, meu amigo: projectos há muitos, mas não acho oportuno falar-lhe delles, neste momento, visto que depois desta viagem ao Brasil, devo voltar a America do Sul. Nessa altura, então, falaremos...

— De forma que, por agora...

— Por agora, apenas lhe digo que sinto uma enorme alegria em ir conhecer o Brasil; — aquete pola lendario, que tanto me ensinaram a amar desde os bancos da escola!...

— Boa viagem e felicidades, Luis.

— Obrigado e boa saúde, por cá!...

MADAME CARMONA VISITA NO PORTO AS INSTALAÇÕES DA FÁBRICA DE TECIDOS "ALTEX"



A Fábrica de Séas Estampadas "ALTEX" foi distinguída com uma visita que a sr. D. Maria do Carmo Carmona ali effectou durante a sua recente permanência no Porto.

A nossa grãceira representá um pormenor dessa visita quando a illustre senhora admirava a colleção das modernas e elegantes criações daquella Empresa, e que a capôse do Chefe do Estado não se cansou de elogiar.

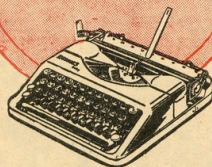


Num tipico restauranta da outra margem do Tejo, reúniram-se num almôço de confraternização os officiaes do curso da Administração Militar que estiveram no Instituto de Altos Estudos Militares, em Casias, o ano passado. Entre officiaes foram todos promovidos ao posto de maior. Entre os presentes, o nosso collega da Imprensa Ribeiro dos Reis.



Com a presença do sr. António Ferro, director do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, inaugurou-se, há dias, uma exposição de retratos e esboços da confraria do Bom Jesus do Monte. Ao acto assistiram também Eça de Queiroz, Dra. Tereza de Almeida, José Alberto, Jaime de Carvalho e José Peixoto de Almeida, que representava a Confraria do Bom Jesus do Monte.

HERMES



À FAMOSA MARCA SUÍSSA DE MÁQUINAS DE ESCRIVER QUE CONQUISTOU O MERCADO PORTUGUÊS!

As máquinas da escrever «HERMES» são práticas, efficientes, sólidas, elegantes e maravilhosamente bem construídas. Além disso são de preços modicos em relação á sua alta qualidade.

Antes de comprar uma máquina de escrever pergunte a quem tenha uma «HERMES»... e depois resolve.

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. Simões Jr., Rua da Conceição 46, 1.º
Telefone 21672 — LISBOA

NORTE: Araujo & Sobrinho, Sucrs., Largo S. Domingos, 50
e Píllai Rua dos Clérigos, 8 — Telephones 235 e 2352 — PORTO



*Aqui vemos o tenor nosso compatriota num
'dueto com Célia Gamez*

ALBERTO Ribeiro, soufê tenor hesitante que começou nos retiros de fado e depois apareceu no Coliseu, sempre subindo de forma, sempre demonstrando reais qualidades e vontade firme de acertar, acaba de regressar a Lisboa, depois duma «tournee» por toda a Espanha, que não é exagero classificar de brilhante.

Integrado na Companhia de Célia Gamez, a «vedeta» tão nossa conhecida, Alberto Ribeiro entrou em todo o reportório e sempre com notável agrado da crítica e do público. Mas não pôde continuar no elenco, por lhe ter sido oferecido um vantajoso contrato no filme *O Ladrão de Luxo Branco*, ao lado da «estréla» do cinema espanhol Gema del Rio.

Agora, terminado o filme, Alberto Ribeiro hesita entre um contracto para o Casino Copacabana, do Rio de Janeiro e o regresso a Barcelona, para formar companhia com a sua «arceira» do filme. Parece, porém, que o nosso compatriota optará pelo regresso a Espanha em Setembro, altura em que a nova Companhia Gema del Rio-Alberto Ribeiro começaria a ensaiar a sua primeira peça, que sabemos ser de Vicente Maro e Alexandre Ulloa.

Enfim — Alberto Ribeiro é mais um artista português que triunfou no estrangeiro.

Felicitemo-lo por isso, recordando, a propósito, o velho ditado: — «Ninguém é profeta na sua terra!».

ESPECTADOR N. 1



Cena del Rio e Alberto Ribeiro foram a um aduana»



Dancaram, beberam schampanhos...



... e pediram-lhes para cantar.

REGRESSOU A LISBOA O TENOR ALBERTO RIBEIRO



E, aqui, agradecendo os aplausos no final dum acto



PROCESSO INFALIVEL

— Como consegue distinguir os seus dois filhos gémeos?
— Fácilmente: fazendo-os contar. Carinhoso sabe contar até 100, e o feia não sabe mais do que até 65.



PASSAPORTE

O POLICIA — O senhor tem um magnifico cabelo, mas o seu passaporte indica que é calvo. É falso o passaporte?
O VIAJANTE — Não; o cabelo.



LADROES

— Socorro, Policia! Está um ladrão a abrir o meu cofre, ameaçou-me de morte e cortou o fio do telefone.



DO IMAGINADO AO VIVO

— Perdão, minha senhora. É V. Ex.ª a loura parecida com Jean Harlow, a quem falei pelo telefone?
— Que casualidade!... Então é você o jovem, alegre e simpático que desejava conhecer-me?



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 54 da Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA

DAMAS

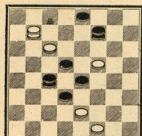
(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 63

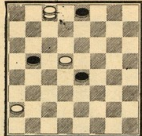
(Final artístico)
«La Provincia», 3/5/945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Barca»



Jogam as brancas e ganham

COMPOSIÇÃO N.º 64 (Final)

«La Provincia», 3/5/945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Lusitade XVII»



Jogam as brancas e ganham.

2.º TORNEIO DE JOGO DE «DAMAS» DAS CANARIAS

A classificação definitiva deste torneio foi a seguinte:
1.º, Ramon Rodriguez, 18 pon-

tos; 2.º, Euticulano Hernandez, 17 pontos; 3.º, Dr. Carlos Rodriguez Lafora, 16 pontos; 4.º, Francisco Oramas, 15 pontos; 5.º, Carlos Machin Rabelo, 13 pontos; 6.º, Damian Corcué, 13 pontos; 7.º, Javier Rodriguez, 9 1/2 pontos; 8.º, Cristóbal Robaina, 8 pontos; 9.º, José Santana Cabrera, 7 1/2 pontos; 10.º, José Suarez Moreno, 6 1/2 pontos; 11.º, Tomás Rodriguez, 6 1/2 pontos; 12.º, Manuel Perez Reina, 2 pontos.

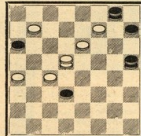
(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 30

(Inédito)

Por António Eduardo Igrejas (Meigaço)

(Dedicado ao dirigente técnico e maior animador das «Damas» nacionais, sr. Augusto Teixeira Marques)



Jogam as brancas e ganham.

1.º CAMPEONATO DE «DAMAS» DA CASA 1.º DE DEZEMBRO

As classificações para este campeonato foram as seguintes: 1.º, Armando Pereira da Silva; 2.º, Célio Covo; 3.º, José Antunes Leitão; 4.º, Firmino da Conceição; 5.º, José de Sousa; 6.º, Manuel Reis; 7.º, Leopoldo Correia; 8.º, Francisco Fialho; 9.º, Augusto Correia.

1.º CAMPEONATO POR CORRESPONDENCIA DE JOGO DE «DAMAS» DE AVIDA MUNDIAL ILUSTRADA

Publicamos hoje mais alguns resultados:

Série C

Vencedores: Hilário Francisco Lança Eilas (Beja) e Manuel Arrenga Padeira (Chamusca).

Eliminados

Francisco Nunes de Sousa (Pernes) e António José Loureiro (Póvoa do Varzim).

Série I

Vencedor: Carlos Pereira (Lisboa).

Eliminados

Manuel Luis Pires Júnior (Pernes), Joaquim Alberto Coelho (Odemira) e António Catarina Borges (Pórtico).

(Continua)

XADREZ

PROBLEMA N.º 3

Por A. Grinblat



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3

(Nagler)

1. D—5!

PASSATEMPO

ANAGRAMA

Por Nicolau F. Tejo de Moraes (Viseu)

Com as letras a seguir designadas formar:

1. Uma praia do mar da Ligúria: NO MOCA

2) Cinco cidades italianas: FRANCELLO NO BOLEIA NO PELLAS NO CANA NO TRETA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 28 (Concurso)

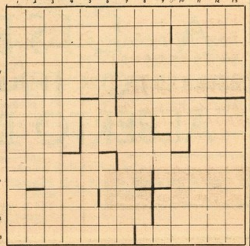
Por Rocanoti (Nelas)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Separavam. 2 — Ofício de economo; espaço entre duas filas de colunas. 3 — As que pedem. 4 — Decidem-se; sem chetro. 5 — Gritaria; casa de jogo (pl.). 6 — Acariar; zombeteiro. 7 — Selta; benzina; morada nobre. 8 — Ocasional; demedidos; ruiva. 9 — predestinava; domesticador. 10 — Que tem caudas visíveis; canse-se. 11 — Relativo à noite; altar; acalman. 12 — Inundar; prurido. 13 — Nivelar; abrandar.
VERTICAIS: 1 — Desandar os parafusos. 2 — Poupar; pronome pessoal. 3 — As que solicitam. 4 — Encorajamos; arma mais curta que o punhal. 5 — Espertam; prendes. 6 — Acariarem; fcará. 7 — As que predizem. 8 — Curtiremos; asma. 9 — Sujos; ave pernalta; ponto cardinal. 10 — Inofensivos; comparei. 11 — Qualidades do que é viril. 12 — Avarento; peça curta de grande calibre. 13 — Ligamento peritoneal (pl.); rogaremos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 27

HORIZONTAIS: 1 — Botima; Cam. 2 — Ato; ela;



ova. 3—Só; aduc; ac. 4— Bristol. 5— Vou; rear. 6— Mira; tico; 7— Urdy; cto. 8— Gammas. 9— Cê; samos; per. 10— Ica; rer; pós. 11 — Aoto; rostro.
VERTICAIS: 1 — Base; Murcia. 2 — Oio; vir eco. 3 — Lo; bordo; at. 4 — Arrarus. 5 — Medi; mar. 6 — Alisa; comer. 7 — Aut; loro. 8 — Cortas. 9 — Ao; lecas; P.T. 10 — Iva; aço; por. 11 — Macero; peso.

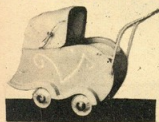
PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

WILKINS

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZ!

CARRINHOS PARA BEBES e cadeirinhas



Fabrincas

os melhores

a pronto ou com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.^{DA}

R. Arco da Bandeira, 75, 1.^o
LISBOA Telefone 26713
(atende-se a provincia)



O "sexo fraco" na América

(Continuação da página 17)

quismo das passagens de modelos — ou os frívolos chás-dancantes, ao som do "jazz-band".

Nova-York tem os seus ídolos. Centenas de milhares de pessoas correm, entusiasmas, as competições desportivas.

O sexo fraco conquistou 54 o seu prestígio. Voluntariosas e enérgicas, as mulheres que vencem na vida com um sorriso, vencem, agora, no desporto, com a destreza e a agilidade dos seus músculos.

Já não querem ser pálidas, disfarçando o rosto com o lodo dos institutos de beleza e alomofando os ombros com as fortes entretelas de alfaiate.

Não. As mulheres descobriram que a delicadeza da estética feminina nada perde com a prática do desporto...

E as competições ganharam com isso.

É que no embate duro dum jogo há sempre luminosos sorrisos, irracionalmente, que entusiasman, ao rubro, os espectadores.

UM LIVRO EMPOLGANTE



À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos:

VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{DA}

R. da Emenda, 69-2.^o

LISBOA — Tel. 25844

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

a prova está na prova.

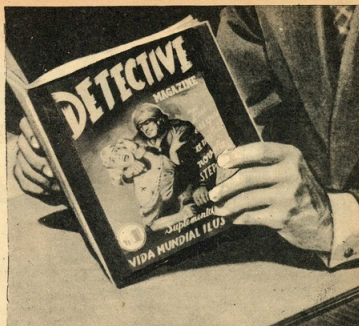
A SUA OBRIGAÇÃO DIÁRIA

É cuidar dos seus intestinos. Tome LAXOBAC ao deitar e, logo pela manhã, os seus intestinos trabalharão com regularidade passmosa.

Laxobac tem o gosto do mais saboroso chocolate, que tanto agrada a adultos e a crianças.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.



SAIU O 5.^o NÚMERO DE

DETECTIVE

O ÚNICO MAGAZINE POLICIAL QUE SE PUBLICA EM PORTUGAL

A REVISTA DAS GRANDES EMOÇÕES
36 PÁGINAS ILUSTRADAS ~ ESC. 2\$50

"Detective" é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de "Vida Mundial Ilustrada". Faça a sua assinatura — e pelo custo de uma publicação receberá duas!

compositos / Mentholum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs. — Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE

ANALGÉSICO

GÔTA, REUMATISMOS E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1.^o classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (Dermite ou sarna), crostas, feridas, urticárias, ardores na pele, etc. etc. NÃO É UM SIMPLI CURE-ALL

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



LEIA TODOS OS SÁBADOS

Vida Mundial
UM JORNAL QUE É
UM MUNDO!



★

Tem doze anos. Chama-se Elisabeth Taylor. E é uma das sensações de Hollywood. Ao lado de Mickey Rooney, em «National Velvet», teve um desempenho de tal ordem que o crítico foi unânime nos homenagens que lhe rendeu. Debruçada sobre a bicicleta, olhando o céu através da verde folhagem, Elisabeth é bem a imagem da juventude — um símbolo da mocidade americano.

★